
Laura Bellini
Sua Metade do Parapeito da Janela
Para uma planta. Para dois desejos diferentes.

Sua Metade do Parapeito da Janela

Para uma planta. Para dois desejos diferentes.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902585

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - A fronteira entre nós..... 12
Capítulo 2 - Os termos da nossa colaboração 24
Capítulo 3 - Onde a luz encontra uma passagem 37
Capítulo 4 - Do outro lado do silêncio..... 49
Capítulo 5 - O direito de dizer não 63
Capítulo 6 - A proximidade que escolhemos 76
Capítulo 7 - O preço das portas abertas 89
Capítulo 8 - Não apenas o que você vê 100
Capítulo 9 - O risco que assumimos juntos..... 112
Capítulo 10 - Quando paramos de fingir..... 125
Capítulo 11 - Espaço para as suas coisas 139
Capítulo 12 - Tudo o que não dissemos 152
Capítulo 13 - Aquilo de que não vou abrir mão 164
Capítulo 14 - A verdade entre duas pessoas..... 177
Capítulo 15 - Uma assinatura sobre a vida dos outros 190
Capítulo 16 - A distância de que precisamos 202
Capítulo 17 - O que permanece quando você vai embora..... 212
Capítulo 18 - O preço de uma segunda chance 224
Capítulo 19 - A voz que realmente importa 235
Capítulo 20 - Sua metade do parapeito..... 247

INTRO

A primeira coisa que vi naquela manhã foi uma linha vermelha atravessando meu projeto para a estufa.

Ela passava exatamente pelo meio do largo parapeito sob as janelas voltadas para o oeste, no mesmo lugar onde, havia três anos, crescia a monstera mais antiga da nossa coleção. Alguém havia traçado aquela linha com uma caneta hidrográfica grossa sobre uma folha transparente colocada por cima do meu projeto. Ao lado, estava escrito: "Área a ser reorganizada".

Fiquei imóvel, segurando uma caneca de café, tentando decidir o que me irritava mais: a ousadia daquela interferência ou o fato de a linha ter sido desenhada com uma firmeza impressionante.

— De jeito nenhum — declarei para a estufa vazia.

A única resposta foi o gotejar de água de uma válvula com vazamento.

Eram sete e quinze da manhã. Do outro lado dos vidros altos, o céu de Poznań tinha a cor de concreto molhado, e o frio de novembro penetrava pelas esquadrias metálicas das janelas. Lá dentro, o ar cheirava a terra úmida, folhas e madeira envelhecida. Eu conhecia aquele aroma melhor do que a maioria dos perfumes. Nos últimos quatro anos, aprendera a reconhecer por ele quando as plantas tinham recebido água demais, quando os aquecedores estavam funcionando com intensidade excessiva e quando a chuva finalmente se aproximava.

Eu tinha vinte e nove anos, um diploma em botânica e meu próprio plano para salvar um lugar que, oficialmente, nem sequer podia chamar de meu.

O plano era concreto. Seis semanas para organizar a coleção, consertar o sistema de irrigação e preparar um programa comunitário de cuidados com as plantas. Depois, um fim de semana de visitação aberta, uma campanha de arrecadação de doações e conversas com o administrador do edifício sobre a prorrogação do financiamento. Tudo estava detalhado em um cronograma, com orçamento e uma lista de moradores dispostos a ajudar.

Eu só não havia previsto uma coisa: um homem que acharia que podia mudar minhas plantas de lugar com uma caneta vermelha.

Retirei a folha transparente de cima do projeto. Por baixo, minhas anotações continuavam intactas. As posições cuidadosamente marcadas, as direções da luz e os pontos que exigiam intervenção pareciam quase reconfortantes. Dobrei a folha desconhecida ao meio, mas mudei de ideia e voltei a estendê-la sobre a mesa.

Eu precisava descobrir quem havia deixado aquela mensagem.

— Se está procurando o responsável por essa linha, ele está bem atrás de você.

A voz masculina veio da entrada.

Virei-me.

O homem usava um casaco escuro, aberto sobre um suéter grafite, e carregava debaixo do braço um rolo de desenhos técnicos. Era alto, tinha cabelos castanho-escuros e curtos e o rosto de alguém que havia acordado cedo

demais, mas não pretendia reclamar disso com ninguém. Gotas de chuva brilhavam em seus sapatos.

Ele olhou primeiro para a folha transparente na minha mão, depois para a monstera.

— Vejo que encontrou minhas observações.

— Seria difícil não encontrá-las. Ocupam metade do meu projeto.

— Isso foi por acaso. Poderiam ter ocupado mais.

Ele não sorriu, mas percebi em sua voz algo suspeitamente parecido com diversão.

— Quem é você?

— Marek Kłos. Projeto estufas e jardins de inverno. Pediram que eu avaliasse as possibilidades de modernização deste espaço.

— Quem pediu?

— O administrador do imóvel. Imagino que você seja Zuzanna Olszewska.

— E eu imagino que alguém deveria ter me avisado.

Ele aceitou a observação sem contestar. Colocou o rolo na extremidade livre da mesa, tomando cuidado para não esbarrar nos vasos que eu havia distribuído ali. Notei o gesto, embora não tivesse a menor intenção de lhe dar qualquer crédito por isso.

— Deveria mesmo — respondeu. — Disseram que a pessoa responsável pela coleção estaria aqui hoje. Eu não sabia que você chegaria tão cedo.

— As plantas não se adaptam ao horário de expediente da administração.

— As pessoas que projetam espaços para plantas também nem sempre se adaptam.

Não era a resposta que eu esperava.

Marek tirou o casaco e o pendurou no encosto de uma cadeira. Arregaçou as mangas do suéter, deixando os antebraços à mostra. Fazia tudo sem pressa, como se não se importasse com o fato de eu observá-lo com uma hostilidade evidente. Aquela tranquilidade me irritava mais do que deveria.

— Você não pode retirar essa monstera daqui — declarei.

— Ainda não estou retirando nada.

— Você escreveu "reorganização".

— Porque a disposição atual dificulta o acesso às janelas e às instalações. Se quisermos consertar o aquecimento, precisamos de espaço.

— Você não precisa do parapeito inteiro para isso.

Ele se aproximou. Parou do outro lado da mesa, longe o suficiente para respeitar meu espaço, mas perto o bastante para que eu percebesse pequenas marcas de grafite em seus dedos.

— Pode me mostrar de quanto espaço realmente preciso?

Não havia condescendência na pergunta. Era mais um desafio, daqueles que se tornam difíceis de recusar.

Peguei uma trena na gaveta.

Durante os dez minutos seguintes, medimos as distâncias entre os aquecedores, as esquadrias das janelas e os vasos. Marek não tentou tomar a ferramenta das minhas mãos. Segurava a fita métrica onde eu pedia, anotava os números

e fazia perguntas às quais eu respondia com uma irritação cada vez menor.

Ele percebeu uma rachadura na parte inferior de uma esquadria que eu ainda não havia notado. Em contrapartida, mostrei-lhe os depósitos de sais sob o substrato, sinais de que o problema de umidade era anterior à última falha no sistema.

Quando empurrei um vaso pesado para deixar a válvula à mostra, ele imediatamente se aproximou.

— Quer ajuda?

— Segure pela base, por favor. Não levante pela borda.

Ele fez exatamente o que pedi.

Por um instante, nossas mãos ficaram em lados opostos do cachepô de cerâmica. Pensei, de maneira absurda, que ele tinha mãos bonitas. Não porque fossem especialmente bem cuidadas, mas porque sabiam trabalhar. Não era necessário explicar nada duas vezes.

— Você tem razão — disse ele pouco depois, endireitando o corpo. — Não precisamos do parapeito inteiro. Mais ou menos metade será suficiente.

— A minha metade ou a sua?

Dessa vez, ele sorriu.

Foi um sorriso discreto, surgindo apenas em um canto da boca, mas que transformou completamente seu rosto. Antes, ele me parecera frio. Agora eu conseguia perceber o cansaço ao redor de seus olhos e uma suavidade inesperada em sua expressão.

— Acho que isso será assunto para negociação.

Desviei o olhar antes que ele percebesse que eu havia correspondido ao sorriso.

O celular dele vibrou sobre a mesa. A tela se iluminou por um segundo. Eu não pretendia ler mensagens alheias, mas acabei enxergando um trecho da notificação: "opção comercial — projeção de receitas".

Marek virou o telefone com a tela para baixo.

— Você também está trabalhando no orçamento? — perguntei.

— Estou trabalhando em algumas possibilidades para o futuro deste lugar.

— Futuro segundo quem?

Por um instante, ele me observou com mais atenção, como se procurasse uma resposta que não soasse como uma frase pronta de apresentação corporativa.

— Segundo as pessoas que terão de pagar pela manutenção do espaço.

— E as pessoas que utilizam a estufa?

— Elas também.

Ele respondeu com calma, mas não tão depressa quanto nas vezes anteriores.

Um bonde passou do lado de fora. A vibração alcançou os vidros, e uma folha da monstera se moveu levemente, embora não houvesse nenhuma corrente de ar ali dentro.

Pensei na senhora Helena, do terceiro andar, que vinha todos os dias desde a morte do marido. Nas duas crianças do prédio vizinho, que cuidavam de sua própria muda de limoeiro. Pensei em mim mesma, adiando havia meses uma proposta de emprego em um laboratório particular para

concluir o projeto que deveria garantir a todos o livre acesso àquele lugar.

Marek desenrolou uma nova folha sobre a mesa.

— Gostaria de ver seu cronograma. Talvez consigamos combinar nossas soluções.

Olhei para seus desenhos e depois para o rosto daquele homem que, em apenas alguns minutos, havia conseguido me irritar, me surpreender e despertar em mim um interesse que ultrapassava, de longe, a simples curiosidade profissional.

Eu não queria entregar a ele o controle da estufa. Também não queria admitir que sua presença havia mudado a atmosfera daquele ambiente que, até então, eu considerava inteiramente previsível.

Estendi meu projeto em sua direção, mas mantive a mão sobre uma das bordas.

— Com uma condição. Você não vai prometer nada a ninguém sobre este lugar sem antes conversar comigo e com os moradores.

Marek olhou para minha mão e depois diretamente para os meus olhos.

— E você vai ouvir minhas propostas antes de decidir que representam uma ameaça?

Não respondi imediatamente.

Uma faixa estreita de luz pálida atravessou o vidro úmido. Ela caiu sobre o parapeito, dividindo-o quase exatamente ao meio.

Continuei olhando para Marek, consciente de que havia algo muito diferente em sua presença que me inquietava

ainda mais do que seus projetos: a facilidade com que eu começava a desejar que ele ficasse.

Será que eu conseguiria defender tudo o que era importante para mim se o homem do outro lado da mesa se transformasse em alguém que eu não quisesse perder?

Capítulo 1 - A fronteira entre nós

Às dez da manhã, a estufa deixou de ser um lugar tranquilo, cheio de plantas, e se transformou em uma sala de reuniões onde cada pessoa tinha sua própria definição de catástrofe.

A senhora Helena trouxe uma garrafa térmica de chá e três caixas de biscoitos amanteigados. O senhor Roman, eletricista aposentado que morava na segunda entrada do prédio, apareceu com um caderno no qual registrava, havia anos, todos os defeitos do edifício. Duas mães jovens vieram acompanhadas dos filhos, porque não tinham com quem deixá-los. Perto da entrada, também surgiram moradores que, até então, eu só costumava encontrar durante o replantio anual das espécies.

Dezessete pessoas ao todo.

Todas haviam comparecido pelo mesmo motivo: recebêramos a informação de que o futuro da estufa dependeria de uma avaliação técnica e da apresentação de uma maneira viável de financiar sua manutenção.

Eu ainda não lhes havia contado que o homem responsável por parte daquela avaliação estava justamente ao lado da janela oeste, examinando a estrutura do telhado.

Marek Kłos parecia não ouvir o burburinho crescente. Usava o mesmo suéter grafite, mas havia substituído o casaco por uma jaqueta de trabalho, pendurada no encosto de uma cadeira. Segurava um tablet em uma das mãos e um lápis na outra. De vez em quando, erguia a cabeça para verificar as junções dos perfis de aço.

Eu me perguntava se ele era realmente tão tranquilo ou se simplesmente havia aprendido a esconder a tensão com perfeição.

— Zuzia, quem é aquele homem? — perguntou a senhora Helena, aproximando-se de mim com uma xícara de chá.

— Um projetista. Está preparando uma avaliação para a modernização do espaço.

— Ah. — Ela o examinou atentamente. — Bonito.

— Isso não tem importância.

— Para o aquecimento, certamente não.

Não tive tempo de responder, porque Marek se virou em nossa direção.

— Bom dia a todos. Sou Marek Kłos. Obrigado por terem reservado um tempo para esta reunião.

Sua voz se destacou das conversas sem nenhum esforço. Ele não falava alto demais nem tentava impor um tom excessivamente formal. Aos poucos, as pessoas se calaram, e senti uma leve irritação ao perceber como era natural para ele conquistar a atenção de um grupo.

— Antes de começarmos — falei, posicionando-me junto à mesa -, gostaria de esclarecer uma coisa. Esta reunião não significa que concordamos com qualquer alteração na maneira como a estufa é utilizada.

Marek olhou para mim.

— Exatamente.

— Nem com a mudança de lugar das plantas sem autorização.

— Isso também.

— Nem com a restrição do acesso dos moradores.

Ele permaneceu em silêncio por um breve instante.

— Isso vai depender da solução escolhida.

Os primeiros murmúrios de descontentamento se espalharam pelo ambiente.

Senti meus dedos se fecharem ao redor da borda da mesa.

— É justamente por isso que quero deixar claro, desde o início, o que estamos tentando defender — declarei. — A estufa foi criada como um espaço comunitário. Não como uma decoração para ser admirada através do vidro.

O senhor Roman levantou a mão.

— Será que alguém pode finalmente dizer quanto vai custar consertar esse maldito aquecimento?

Marek colocou o tablet sobre a mesa.

— Ainda não tenho um valor definitivo. Mas já sei que o problema não se limita a um único aquecedor. Existem vazamentos, distribuição irregular do calor e umidade em vários pontos da estrutura. Se consertarmos apenas o que está visível, daqui a um ano poderemos estar exatamente na mesma situação.

— Então será necessário fechar a estufa? — perguntou uma das mães.

— Não foi isso que eu disse.

— Mas está considerando essa possibilidade?

— Estou considerando todas as soluções que permitam manter o edifício em segurança.

Não gostei da resposta. Era objetiva, cautelosa e praticamente impossível de contestar. Ao mesmo tempo,

contornava a questão que continuava sendo a mais importante para mim.

— E se a solução técnica entrar em conflito com as necessidades dos moradores?

Marek apoiou as mãos na mesa.

— Nesse caso, teremos que decidir quais necessidades podem ser conciliadas.

— Nem tudo é uma questão de compromisso.

— Eu sei.

Ele disse aquilo com tanta tranquilidade que, de repente, tive vontade de perguntar como podia ter tanta certeza. Em vez disso, abri meu próprio cronograma.

Durante a meia hora seguinte, apresentei o plano de atividades. Falei sobre o inventário da coleção, as oficinas de botânica, o sistema de plantões e a campanha de arrecadação para os reparos mais urgentes. Mostrei fotografias das plantas que não poderiam ser transferidas sem risco de danos e uma relação dos custos dos materiais necessários para recuperar o funcionamento do sistema de irrigação.

Eu conhecia cada número. Cada nome dos voluntários. Cada prazo.

Havia preparado aquele projeto durante meses, muitas vezes à noite, entre meu trabalho no laboratório e as visitas à estufa. Não pretendia permitir que fosse tratado como um passatempo simpático de uma mulher excessivamente apegada aos seus vasos.

— É um programa muito bem elaborado — disse Marek quando terminei.

Eu não esperava um elogio. Muito menos que ele soasse sincero.

— Obrigada.

— Mas não responde à questão do financiamento permanente.

Apertei os lábios.

— A campanha de arrecadação e as doações...

— Podem ajudar a iniciar a reforma. Mas não garantem recursos previsíveis para os próximos anos.

— Como pode ter tanta certeza?

— Pelos custos de instalações semelhantes. Posso mostrar os dados.

— Por favor.

Marek deslizou o tablet em minha direção. Na tela havia uma relação do consumo de energia, da manutenção dos equipamentos e dos reparos previstos. Nem todos os valores eram definitivos, mas até mesmo as estimativas bastaram para provocar uma sensação desagradável de peso no meu estômago.

Até então, eu havia me concentrado em salvar a estufa do fechamento. Não tinha pensado o suficiente no que aconteceria dois anos depois.

— Isso não significa que meu plano não tenha valor — falei mais baixo.

— Eu nunca disse isso.

— Mas você o trata como metade da solução.

— Porque é exatamente isso.

Ergui os olhos.

Marek me observava sem qualquer expressão de triunfo. Não tentava aproveitar minha insegurança momentânea para convencer os outros de que sua própria visão era melhor.

— Você entende por que este lugar é necessário para as pessoas — explicou. — Eu entendo do que o edifício precisa. Se fingirmos que uma coisa pode funcionar sem a outra, nós dois vamos perder.

Foi a primeira frase que realmente me atingiu.

Não porque eu concordasse completamente com ele. Mas porque havia usado o plural.

Nós dois.

Eu ainda não sabia se podia confiar nele, mas, por um breve instante, tive a impressão de que já não estava do lado oposto da mesa.

A reunião terminou pouco antes do meio-dia, quando a senhora Helena declarou categoricamente que continuar discutindo sem chá e alguma coisa quente para comer era um atentado à saúde de todos os presentes.

Os moradores foram embora devagar, deixando para trás xícaras vazias, migalhas e uma folha com sugestões adicionais. A maioria das ideias era sensata, embora alguém tivesse proposto a criação de borboletas exóticas, enquanto o senhor Roman se oferecera para consertar sozinho todas as instalações, desde que ninguém o incomodasse.

Eu recolhia a louça quando Marek se aproximou carregando duas cadeiras.

— Onde devo colocá-las?

Apontei para um espaço perto da entrada.

— Atrás do armário de ferramentas.

Ele as guardou e voltou.

— Você está com raiva de mim.

— Não.

— Curioso, porque parece estar considerando a possibilidade de me jogar pela janela.

— Eu não jogaria você pela janela. Poderia danificar a estrutura.

Ele riu baixinho.

Dessa vez, não foi apenas um sorriso quase imperceptível. A risada transformou seu rosto de uma maneira que achei perigosamente agradável. Por um segundo, enxerguei nele alguém completamente diferente do homem das planilhas de custos e da caneta vermelha.

— Agradeço sua preocupação com o edifício — comentou.

— Não se acostume.

Ele pegou a última xícara sobre a mesa e a levou até a pequena área de serviço.

Observei enquanto abria a torneira e lavava a xícara, embora ninguém tivesse pedido. Não fazia disso uma demonstração de virtude. Simplesmente percebeu algo que precisava ser feito.

Eu não queria gostar daquilo.

— Tenho uma proposta — disse ele, secando as mãos com uma toalha de papel.

— Outra linha atravessando minha coleção?

— Desta vez, sem caneta.

Tirou do bolso uma folha dobrada.

— Preciso de acesso à documentação técnica e de autorização para realizar medições em três áreas. Você precisa de dados confiáveis para conversar com o administrador. Podemos preparar um diagnóstico conjunto.

— Em quais condições?

— Você fica responsável pelas plantas, pela segurança delas e pela maneira como o espaço é utilizado. Eu cuido da avaliação da estrutura e das instalações.

— E as decisões?

— Nenhuma mudança unilateral.

— Isso é muito vago.

Por um instante, ele pareceu impaciente. Porém, recuperou rapidamente o controle da expressão.

— O que você espera?

Deixei o pano sobre a mesa.

— Que eu não acorde um dia com a notícia de que metade da estufa será alugada para uma empresa que organiza festas particulares. Que nenhuma planta desapareça sem que eu saiba. Que os moradores tenham acesso às alternativas reais antes de o administrador escolher aquela que for financeiramente mais conveniente.

Marek ficou sério.

— Não posso prometer que o administrador escolherá sua proposta.

— Não estou pedindo isso.

— Mas posso garantir que minhas conclusões técnicas serão disponibilizadas a você e aos representantes dos moradores. Também não vou apresentar seu projeto como algo irrelevante.

Fiquei olhando para ele, procurando alguma ressalva escondida naquela declaração.

— E o seu projeto?

— Ainda não terminei.

— Nesse caso, quero conhecer as premissas antes que elas sejam transformadas em uma recomendação definitiva.

Ele não respondeu imediatamente.

Aproximei-me, apoiando a mão sobre a mesa. Talvez houvesse apenas meio metro entre nós. Percebi o tom mais escuro da barba junto ao maxilar e uma pequena cicatriz acima de sua sobrancelha esquerda.

— Marek, eu realmente não estou lutando por orgulho. Se ficar demonstrado que minha solução é insuficiente, vou melhorá-la. Mas não vou aceitar que os moradores sejam tratados como obstáculos para um investimento.

— Eu acredito em você.

Aquelas duas palavras me surpreenderam.

— Assim, simplesmente?

— Não. Depois de ver como você defendeu seu programa e, em seguida, começou a fazer perguntas sobre os custos. Alguém que só quer impor a própria vontade não costuma fazer a segunda coisa.

Senti um calor estranho se espalhar dentro de mim.

Não porque ele tivesse dito algo particularmente romântico. Muito pelo contrário. Havia reconhecido em mim uma qualidade que eu valorizava acima de todas as outras e que as pessoas frequentemente esqueciam quando percebiam o quanto eu era apegada à estufa.

— E você? — perguntei. — O que realmente importa para você?

— Que daqui a cinco anos este edifício continue de pé e não precise ser salvo novamente.

— Só isso?

O sorriso desapareceu do rosto dele.

— Isso já é difícil o suficiente.

Havia algo pessoal naquela resposta. Mas não tentei arrancar mais informações. Ainda não o conhecia bem o bastante para acreditar que tinha esse direito.

Depois que ele foi embora, permaneci ali por mais uma hora. Precisava verificar a umidade do substrato na área tropical e atualizar os registros de irrigação. Normalmente, aquele trabalho me tranquilizava, mas dessa vez meus pensamentos voltavam constantemente à conversa.

Eu não gostava quando alguém questionava minha preparação. Gostava ainda menos quando fazia isso com competência.

Marek não havia oferecido uma solução fácil. Mostrara um problema que eu não podia ignorar e, ao mesmo tempo, não diminuíra a importância do que eu já havia realizado.

Aquilo era irritantemente atraente.

Meu celular vibrou no bolso.

Uma mensagem de Karolina, minha melhor amiga, chegou acompanhada da fotografia de uma caneca de café.

"Como vai a guerra pela selva? O projetista sobreviveu?"

Sorri e respondi:

"Infelizmente. Ele é sensato, o que complica muito as coisas."

A resposta apareceu quase imediatamente.

"Sensato e bonito? Cuidado, essa combinação é suspeita."

Guardei o telefone antes de admitir para mim mesma que Karolina tinha razão em pelo menos uma coisa.

Parei diante da monstera, junto ao parapeito oeste. Sua maior folha se estendia além da linha que Marek havia marcado anteriormente. À luz do fim da tarde, parecia quase transparente, e pequenas gotas de água se acumulavam em suas pontas.

Toquei cuidadosamente a superfície fria.

— Não vou deixar que tirem você daqui — murmurei.

— Um bom começo para conversar com plantas. Com pessoas, parece ser um pouco mais complicado.

Virei-me bruscamente.

Marek estava parado junto à entrada.

— Você está me seguindo?

— Esqueci meu carregador. — Apontou para a mesinha perto da porta. — Mas, se preferir uma versão mais dramática, posso dizer que voltei para verificar se a monstera estava se sentindo bem.

— Pelo menos ela não sai desenhando nos projetos dos outros.

Ele se aproximou da mesinha, pegou o carregador e ficou me observando por um momento, divertido.

— Sabe qual é a parte mais difícil de projetar estufas?

— Convencer botânicas de que você entende do próprio trabalho?

— Isso eu ainda estou descobrindo. A questão é que as pessoas esperam estabilidade de um edifício, enquanto as plantas exigem mudanças constantes. É preciso projetar algo duradouro para abrigar algo que nunca para de crescer.

Não respondi.

Olhei para a monstera e depois para ele.

Havia mais naquelas palavras do que uma simples observação técnica. Talvez fosse justamente por isso que eu as guardaria com tanta clareza na memória.

— Nesse caso — falei -, você deveria saber que não é possível convencer as plantas a crescerem de acordo com um projeto.

— Eu sei. Por isso prefiro projetar um lugar que saiba ceder espaço a elas.

Durante alguns instantes, permanecemos frente a frente, em silêncio.

De repente, aquele silêncio não pareceu constrangedor.

Marek foi o primeiro a desviar o olhar.

— Até amanhã, senhora Zuzanna.

— Até amanhã, senhor Marek.

Quando a porta se fechou atrás dele, percebi que, pela primeira vez em muitos meses, eu estava realmente ansiosa pelo próximo dia de trabalho.

E aquilo não tinha absolutamente nada a ver com as plantas.

Capítulo 2 - Os termos da nossa colaboração

Na manhã seguinte, encontrei uma mensagem de Marek na minha caixa de e-mails.

O assunto dizia: "Estufa — proposta de regras para colaboração".

Abri a mensagem antes mesmo de preparar o café da manhã.

Havia um documento de duas páginas anexado, contendo a descrição das atividades, a forma de troca de informações e o cronograma das primeiras medições. Marek havia incluído todas as ressalvas que eu apresentara no dia anterior. Também deixara claro que a avaliação técnica não representava uma autorização para modificar as regras de utilização do espaço.

Li o documento duas vezes.

No final, encontrei uma observação:

"Proponho discutirmos os detalhes hoje, às dezoito horas, fora da estufa. Sem plateia, biscoitos ou disputas pelo parapeito. M.K."

Não consegui conter um sorriso.

Respondi que concordava com a conversa, desde que ele trouxesse todos os dados disponíveis sobre os custos do aquecimento.

A resposta chegou alguns minutos depois.

"Vou levar. Café é uma forma aceitável de conduzir negociações?"

"Depende da qualidade do café."

"Nesse caso, vou escolher o lugar com cuidado."

Deixei o celular sobre a mesa e observei meu reflexo na janela da cozinha.

Eu estava usando uma camiseta velha de algodão, com os cabelos presos de qualquer jeito no alto da cabeça e a expressão de uma mulher que acabara de concordar com algo muito mais interessante do que uma simples reunião profissional.

Ainda não sabia se aquilo me agradava ou me preocupava.

Antes do meio-dia, recebi uma ligação do administrador do edifício, o senhor Wiktor Maj.

Era um homem capaz de falar durante dez minutos sem oferecer uma única resposta objetiva.

— Senhora Zuzanna, fui informado de que a reunião de ontem foi bastante construtiva.

— Depende do que o senhor entende por construtiva.

— O importante é que os moradores compreenderam a necessidade de mudanças.

— Eles compreenderam a necessidade de reparos. Não é a mesma coisa.

Houve silêncio do outro lado da linha.

— Peço que se lembre de que o modelo atual de manutenção da estufa é muito caro.

— Justamente por isso estamos preparando alternativas.

— O senhor Kłos tem muita experiência. Espero que a senhora colabore com ele sem criar dificuldades desnecessárias.

Não gostei daquela expressão.

— Se por dificuldades o senhor entende perguntas sobre o futuro de um espaço comunitário, receio não poder prometer nada.

Encerrei a ligação de maneira educada, mas firme.

Durante alguns minutos, permaneci sentada à escrivaninha, olhando para a tela do computador. Lembrei-me das palavras de Marek sobre o financiamento e de sua breve hesitação quando perguntei sobre o acesso dos moradores.

Eu não queria ser injusta. Mesmo assim, sabia que suas obrigações profissionais não precisavam coincidir com as minhas.

Meu telefone vibrou novamente.

"Encontrei uma cafeteria na rua Święty Marcin. Dizem que o café é bom e as mesas são grandes o bastante para os documentos. As dezoito horas continuam confirmadas?"

Respondi:

"Sim. Mas os documentos têm prioridade."

"Entendido. Vou tentar não me sentir ofendido."

Soltei uma gargalhada.

O som pareceu surpreendentemente alto no apartamento vazio.

Cheguei à cafeteria cinco minutos antes do horário combinado.

Não porque a pontualidade fosse especialmente importante para mim. Eu simplesmente não queria dar a Marek a oportunidade de me ver correndo pela rua,